



CRISTIANO MARIZ

# NÃO VAI TER GOLPE

O ministro diz que a democracia é forte o suficiente para se defender de ataques, admite que as eleições deste ano talvez tenham de ser adiadas e fala de sua relação com o médium João de Deus

**LARYSSA BORGES**



**ASSIM COMO** vem ocorrendo com uma parcela significativa dos brasileiros, a rotina do ministro Luís Roberto Barroso, 62 anos, mudou radicalmente nas últimas semanas. Cioso de sua saúde, ele segue à risca as orientações das autoridades sanitárias e tem trabalhado de casa, entre sessões virtuais do Supremo Tribunal Federal (STF), a leitura de processos e videoconferências. Em meio a sua quarentena, porém, observou atentamente as manifestações da semana passada de grupos que defendem a volta da ditadura militar. Cenas que merecem repúdio, segundo ele, mas que não representam risco à solidez do regime democrático. Na opinião de Barroso, o Congresso, o Judiciário e a imprensa estão suficientemente maduros para servir como travas contra eventuais arroubos autoritários. Nesta entrevista a VEJA, Barroso admite que o adiamento das eleições municipais é uma possibilidade real (ele acaba de ser eleito presidente do Tribunal Superior Eleitoral), fala sobre críticas que alguns grupos fazem ao STF e sobre a situação do médium João de Deus, acusado de abusar de dezenas de mulheres e

de quem recebeu um tratamento espiritual contra um câncer.

**Ministro, diante da presença do presidente Jair Bolsonaro em uma manifestação pró-AI-5 e pela volta da ditadura, existe alguma ameaça à democracia brasileira?** Acho que não. As instituições estão funcionando bem. Apesar de alguns protestos e reações contrárias aqui e ali, o Legislativo e o Judiciário funcionam com independência e altivez. A imprensa também é livre e tem sido duramente crítica. Não vejo nenhum sinal preocupante em relação à democracia. Mais do que isso, vejo nas Forças Armadas o desempenho de um papel exemplar. Nos últimos trinta anos, se existe um lugar de onde não veio notícia ruim foi das Forças Armadas. O germe do golpe não existe mais no Brasil.

**Não se deve então dar importância a essas manifestações?** Esse episódio acendeu uma luz amarela no coração e na mente de todos os democratas — e a reação foi imediata e vigorosa. Eu mesmo, que tenho por princípio não me pronunciar sobre o fato político do dia, nessa situação achei

que era necessário um gesto de defesa das instituições, da Constituição e da democracia. Mas o que esse episódio revelou, como outros de invocação do AI-5, foi uma sociedade muito vigorosa na defesa da democracia. Vieram protestos da Câmara, do Senado, do Supremo, da mídia, dos partidos políticos, num espectro que vai da esquerda à direita.

**O presidente da República ultrapassa limites legais ao participar de atos assim?** Neste momento, esse tipo de indagação deve ser mais bem respondida por comentaristas políticos. É importante sermos capazes de separar varejo

e retórica política do que seja verdadeiramente uma ameaça institucional. O STF não participa desse varejo. Não é órgão de consulta nem de debates.

**Essas manifestações, aliás, também são contra o Supremo. Por que o tribunal vem sendo tão criticado nos últimos tempos?** Quem quer que exerça poder em uma democracia vira vitraça em alguma medida, e é bom que seja assim. Na questão do enfrentamento da corrupção, houve uma demanda da sociedade por integridade. Esperava-se por uma reação mais vigorosa do Supremo nos casos da Lava-Jato, como se esboçou no mensalão. O exercício da competência criminal trouxe um desgaste para o STF, como as idas e vindas quanto à execução da pena depois da condenação em segundo grau. Não obstante isso, o Brasil mudou. Acabamos com o fetiche do corrupto rico, poderoso e intocável. A sociedade brasileira deixou de aceitar o inaceitável. Embora eu seja totalmente contra agressões e insultos, a verdade é que a cada dia fica mais difícil para um vigarista sair à rua. Es-

**“Embora eu seja totalmente contra agressões e insultos, a verdade é que a cada dia fica mais difícil para um vigarista sair à rua. Estamos derrotando a naturalização das coisas erradas”**

tamos derrotando a naturalização das coisas erradas. Isso é um grande avanço.

**Além das idas e vindas, os ministros são criticados por falar muito fora dos autos e pela insegurança jurídica que algumas decisões provisórias provocam.** Acho que o tribunal tem um problema de monocratização. O STF tem onze pessoas com trajetórias, ideias e visões próprias. Minha proposta é que todas as decisões individuais sejam colocadas no plenário virtual para a ratificação ou não pelos demais ministros. Isso evitaria idas e vindas. Outro problema importante é o volume de ações. Com 70 000 processos por ano não é possível julgar coletivamente. Juiz também não tem de falar fora dos autos sobre processos em curso. Ninguém faz a menor ideia das minhas preferências políticas. Ninguém precisa nem vai saber se eu votei em A, se votei em B ou se votei em branco. Agora, sobre questões institucionais acerca do funcionamento do Supremo ou que envolvam reforma política ou prorrogação de mandatos, por serem debates institucionais, acho que os ministros podem e devem participar.

**Como o senhor se classificaria politicamente?** Um juiz não é nem de esquerda nem de direita. A lógica de um juiz é o certo ou o errado, o legítimo ou o ilegítimo. Venho de uma geração que acreditava no Estado como protagonista das transformações sociais. Acho que o Estado deve ser um regulador eficiente e seu grande papel é redistribuir riquezas e oportunidades com tributação justa, educação básica de alta qualidade e um sistema de saúde capaz de atender às necessidades essenciais da população. Eu me consideraria hoje um liberal progressista. É claro que é perfeitamente legítimo as pessoas serem conservadoras. Sou contrário é à prática da intolerância e do ódio.

**Como o senhor está lidando com a quarentena?** Tenho trabalhado de casa, angustiado. No meu caso, escrever votos, estudar processos e participar de videoconferências resolve a minha vida. Não sou impactado pelo isolamento, mas sou solidário com as pessoas que precisam ir para a rua para obter seu ganha-pão. Ouço o que dizem as autoridades sanitárias e presto atenção na experiência dos outros

países. Até aqui o isolamento tem sido o remédio mais eficaz contra a propagação do vírus. Esta crise pode nos ensinar algumas coisas.

**Por exemplo?** Tenho a característica de tentar olhar para as coisas sempre pelo que elas possam ter de construtivo. Creio que o coronavírus pode ter sido uma importante freada de arrumação para a humanidade. Constatamos algumas coisas importantes: descobrimos nossa própria vulnerabilidade e o fato de não sermos super-homens nem supermulheres. Também reavivamos a percepção global e brasileira da desigualdade abissal que existe e, por fim, percebemos que há uma falta de liderança mundial. Não dá para ninguém ser líder mundial dizendo “eu primeiro”.

**Como presidente do TSE, como o senhor vê as declarações do presidente de que as últimas eleições foram fraudadas?** Lido com fatos e provas. Nunca se apresentou nenhum caso constatado ou comprovado. Sob esse sistema foram reeleitos o presidente Fernando Henrique, o presidente Lula, a presidente Dilma e eleito o

presidente Bolsonaro. Alguém acha que o resultado não correspondeu à vontade efetiva do eleitorado? Na verdade, o voto eletrônico acabou com as fraudes no Brasil. Voltar para o voto impresso a esta altura, como querem alguns, é mais ou menos como cancelar a assinatura da Netflix e comprar um videocassete. O futuro é votar do celular, se não inventarem algo mais moderno daqui a pouco.

**Há propostas no Congresso para impor uma quarentena de até seis anos aos magistrados que queiram se candidatar a cargo eletivo. O que o senhor acha disso?** Juízes não devem utilizar seu cargo com propósitos eleitorais ou como um trampolim para a política. Vejo a quarentena como necessária, embora seja de opinião que esse prazo é grande demais.

**Os críticos desse projeto afirmam que ele foi feito para inviabilizar uma eventual candidatura do ex-juiz Sergio Moro.** Isso é puramente especulativo, e não cabe a mim opinar. Mas em tese, em direito, quase tudo o que é feito para produzir efeitos retroativos é problemático. Não falo de casos específi-

cos. Sou professor há quarenta anos e, numa democracia, política é gênero de primeira necessidade. Devemos estimular a política de qualidade feita com idealismo e com espírito público. É uma das atividades mais nobres que alguém pode ter na vida. Precisamos atrair gente nova e idealista.

**Por que isso não acontece?** Custo e estigma. É preciso baixar o custo e revalorizar a política. Sabe onde os jovens idealistas foram parar? No Judiciário, no Ministério Público, na Polícia Federal. E muitas vezes eles querem mudar o

**“Sempre quis bem ao João de Deus e fiquei devastado com o que aconteceu. As pessoas a quem ele fez bem devem ser agradecidas, e as pessoas a quem ele tenha feito mal têm direito a justiça”**

mundo a partir de lá. Embora seja possível fazer algumas coisas pela judicialização, as grandes transformações dependem mesmo é da política. Uma coisa positiva que aconteceu no Brasil é a certa ascensão do Poder Legislativo na elaboração da agenda, um pouco como as democracias devem ser.

**Adiar as eleições municipais por causa da pandemia é uma hipótese possível a esta altura?** Acho que ainda é cedo para decidir sobre o adiamento, mas preciso reconhecer que hoje essa é uma possibilidade real. Junho será o momento de definição. A minha posição é tentar evitar ao máximo o adiamento. Mas, se não der, teremos de prorrogar o mandato dos prefeitos e vereadores por um prazo mínimo.

**Como advogado, o senhor defendeu o italiano Cesare Battisti. Surpreendeu-se quando ele confessou os assassinatos que havia negado por toda a vida?** Ele sempre me disse que era inocente. O advogado não se confunde com o cliente. Não usei, porque não precisei, o argumento de negativa de autoria no julgamento. Se eu acre-

ditava em sua inocência? Não precisei desse elemento, não era relevante para mim. O mais relevante era que tinha havido um embate político, uma luta armada. Se me perguntarem, não sou a favor da luta armada, não sou a favor da violência e não acho que ninguém tem o direito de matar ninguém.



**O senhor foi paciente do médium João de Deus. Como lida com as acusações de que ele era um abusador em série?** Em 2012 tive um

adenocarcinoma de esôfago com um prognóstico bem ruim. Um amigo muito querido meu, que era ministro do Supremo, trouxe o João de Deus a minha casa. Ele fez uma cirurgia espiritual, e eu o visitei diversas vezes em Abadiânia. Sempre quis bem ao João de Deus e fiquei devastado com o que aconteceu. Para mim, isso era impensável. Acho que as pessoas a quem ele fez bem devem ser agradecidas, e as pessoas a quem ele tenha feito mal têm direito a justiça. ■